ISSN: 2358-8829

A LEITURA COMO TRAVESSIA: PROPOSTA DE CÍRCULOS LITERÁRIOS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA CONTEMPORANEIDADE

José Jerônimo Vieira Júnior [1]

INTRODUÇÃO

A formação de leitores na contemporaneidade se configura como um desafio complexo e multifacetado. De um lado, temos a sociedade que enfrenta uma diminuição progressiva dos índices de leitura, especialmente entre os jovens, especificamente, adolescentes, onde trataremos neste artigo. De outro, a escola, que é um espaço institucionalmente designado para essa formação, onde debate-se com uma crise persistente no ensino da literatura.

Essa crise manifesta-se em práticas pedagógicas que muitas vezes, reduzem o texto literário a um pretexto para o ensino de conteúdos gramaticais ou a um objeto de análise técnica e distanciada, esvaziando sua dimensão estética e afetiva. O resultado é um ensino de literatura pouco significativo para os alunos, que frequentemente associam a leitura a uma obrigação escolar desprovida de prazer, como os paradidáticos direcionados para a aprendizagem de algo voltado para moralidade social ou obras que são obrigatoriamente exigidas em processos seletivos, que esboçam um retrato literário de séculos passados com uma linguagem, distante da atual geração leitora.

Diante desse cenário, torna-se urgente repensar as práticas de leitura na escola, deslocando o foco da mera transmissão de informações para a promoção da leitura como uma experiência integral: estética, afetiva e social. É preciso reconhecer que a literatura é uma forma de conhecimento que organiza os sentimentos e a visão de mundo,

[1] Bolsista CAPES II no Doutorado em Letras (UPF), Mestre em Artes (UFRN), Professor efetivo de educação básica, da disciplina de Arte da rede estadual da Paraíba e Rio Grande do Norte, e-mail: 210687@upf.br ou junior_jornalista@yahoo.com.br.

libertando-nos do caos e, assim, nos humaniza. Negar sua fruição é, portanto, mutilar a humanidade de nossos estudantes.

Nesta perspectiva, justifica-se a necessidade de articular as discussões teóricas sobre a formação do leitor com sugestões de ações pedagógicas concretas que possam ser implementadas na educação básica. O objetivo é apresentar uma proposta de "Círculos de Leitura" fundamentada no conceito de letramento literário, compreendido como um processo contínuo de apropriação da cultura literária que habilita o indivíduo a participar de práticas sociais de leitura. Essa proposta visa demonstrar como a criação de comunidades de leitores em sala de aula pode transformar a leitura em uma experiência significativa, promovendo o desenvolvimento da subjetividade, da sensibilidade e da interação social.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia se baseia no modelo de Círculos de Leitura proposto por Harvey Daniels e adaptado por Rildo Cosson (2014), caracterizado pela escolha das obras pelos próprios estudantes, pela formação de grupos temporários para discussão e pela realização de registros pessoais. A sugestão da atividade didática se desdobra nas seguintes etapas:

Etapa 1: Iniciaremos com a apresentação e seleção das obras (2 aulas), onde o professor apresentará uma seleção de 4 a 6 títulos de literatura juvenil, de gêneros e temas variados. A apresentação deve ser motivadora, incluindo a leitura da sinopse, de um pequeno trecho ou a exibição de um "book trailer", ou seja, um vídeo curto, geralmente de 1 a 3 minutos, feito para despertar curiosidade sobre uma obra literária. Neste momento, os alunos poderão escolher qual livro desejam ler e formam-se os grupos de leitura (de 4 a 5 alunos) com base nessa escolha. Essa etapa valoriza a autonomia e o interesse do aluno, princípios fundamentais para uma leitura prazerosa.

Etapa 2: Na leitura individual e de registros (período de 2 a 3 semanas) , os estudantes realizarão a leitura individual da obra escolhida, em casa e em momentos reservados em sala de aula. Durante a leitura, serão incentivados a fazer registros em um

diário de leitura. Esse caderno de anotações é um espaço para o registro livre das impressões do leitor, podendo incluir a transcrição de trechos favoritos, comentários, dúvidas, relações com experiências pessoais ou com outros textos, letras de músicas, ilustrações, etc.

O diário servirá como um instrumento para que o aluno elabore sua resposta leitora e se prepare para as discussões em grupo. O professor poderá ler os diários periodicamente, não para corrigir, mas para dialogar com o aluno, validando suas impressões e propondo novas reflexões.

Etapa 3: Nos círculos de leitura, sugerimos as discussões em grupos (3 encontros de 50 minutos), na qual as equipes se reúnem para discutir a obra. Os debates deverão ser livres, partindo das anotações dos diários. O professor atuará como facilitador, garantindo que a atividade aconteça, mas sem dirigir a interpretação.

Para organizar a dinâmica, podem ser distribuídas funções rotativas dentro do grupo, como: conector (relaciona a obra com a vida), questionador (prepara perguntas para o grupo), ilustrador (representa uma cena em desenho) e sintetizador (resume os pontos principais da discussão). Essa etapa concretiza a leitura como prática social, onde os sentidos são negociados e construídos coletivamente. O intercâmbio de diferentes recepções é um instrumento poderoso para desenvolver o pensamento sobre as leituras.

Etapa 4: A socialização e expansão (2 aulas), será após a conclusão da leitura e das discussões, cada grupo prepara uma forma criativa de compartilhar sua experiência com o restante da turma. As possibilidades são variadas: uma dramatização de uma cena do livro que eles escolheram, a produção de um “fantrailer”, ou seja, um vídeo criado pelos estudantes imaginando como seria se aquele livro virasse filme ou série, outra proposta seria a criação de uma “playlist” comentada para a obra, a reescrita de um trecho a partir de outra perspectiva, etc. Essa etapa expande a resposta leitora para outras linguagens e permite que os alunos que não leram a obra tenham contato com ela por meio da experiência dos colegas, estimulando futuras leituras.

REFERENCIAL TEÓRICO

A concepção da leitura literária como experiência tem suas raízes em teorias que valorizam a interação entre texto e leitor na construção de sentidos. A estética da recepção, com teóricos como Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, foi fundamental ao deslocar a análise do autor ou da obra para o papel ativo do leitor no processo de significação.

Segundo Iser (1996), toda obra literária deixa espaços em aberto, como se fossem pequenas pausas ou silêncios. Esses vazios não estão ali por acaso, eles provocam o leitor a completar o que falta com sua própria imaginação. Entretanto, a leitura não é apenas receber o que o autor escreveu, mas, um encontro criativo, em que o leitor também participa da construção da história. É justamente dessa interação entre o que está escrito e o que o leitor acrescenta, que nasce a beleza estética e o prazer de ler.

Essa perspectiva dialógica encontra no pensamento de Mikhail Bakhtin (2003), para quem toda palavra pressupõe um diálogo entre um "eu" e um "outro", conferindo à linguagem uma natureza social e interativa. O texto literário, portanto, não é um objeto autônomo, mas um evento que só se realiza no encontro com a consciência ativa do leitor.

Mais recentemente, o campo da didática da literatura aprofundou essa visão, propondo o conceito de letramento literário, que transcende a ideia de leitura como mera decodificação ou habilidade técnica. Para Paulino e Cosson (2009), o letramento literário é um processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos. Ele envolve uma interação verbal intensa entre leitura e escrita e o reconhecimento do outro, permitindo que o sujeito experimente a presença do outro por meio da linguagem, apropriando-se de sua vivência através da palavra, e transforme-se em um lugar essencial para a formação da identidade individual e coletiva.

Finalmente, a leitura é uma prática social e cultural. Segundo Petit (2008), a leitura não afasta o indivíduo do mundo, mas o insere nele por meio de uma experiência distinta da cotidiana. A literatura oferece um espaço de elaboração psíquica e simbólica, um lugar para o sujeito se construir.

Já Rildo Cosson (2014), ao propor os “Círculos de Leitura”, materializa essa dimensão social, compreendendo-os como uma prática que favorece a interação entre indivíduos, possibilita a troca de visões e contribui para o fortalecimento das relações sociais. Para ele, a instituição escolar desempenha um papel decisivo ao promover a constituição da turma como uma comunidade leitora, favorecendo o desenvolvimento, o fortalecimento e a ampliação da experiência leitora.

A contemporaneidade impõe desafios significativos ao ensino da literatura, com um declínio perceptível nos hábitos de leitura entre os jovens e a prevalência de metodologias escolares que, por vezes, priorizam abordagens meramente tecnicistas. Esse cenário desvaloriza a riqueza intrínseca da literatura, reduzindo-a a um discurso cultural entre outros e negligenciando seu potencial formativo, diante dessa crise, a proposição de uma articulação teórico-prática fundamentada no letramento literário, que valorize a leitura como uma experiência estética, afetiva e social, torna-se não apenas relevante, mas urgente.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como documento orientador para a Educação Básica brasileira, oferece um arcabouço que, se bem interpretado e implementado, pode dialogar profundamente com essa perspectiva de formação de leitores. A BNCC é concebida como um instrumento fundamental para garantir um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, visando a uma formação humana integral. Seus princípios éticos, políticos e estéticos orientam para um desenvolvimento que rompe com visões reducionistas que privilegiam apenas a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva, buscando uma perspectiva plural, singular e integral do ser humano.

No Ensino Fundamental, a BNCC de Língua Portuguesa no demonstra alinhamento com essa visão ao estruturar suas competências e habilidades, assumindo a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, na qual a esta é compreendida como um ato colaborativo entre indivíduos, direcionado a um propósito específico, e como um intercâmbio comunicativo que se concretiza nas diversas práticas sociais presentes em uma dada sociedade. Essa concepção reforça a ideia de que a leitura não é um ato isolado, mas uma prática profundamente social.

A BNCC enfatiza explicitamente a fruição estética de textos e obras literárias como um dos objetivos do eixo "Leitura/Escuta". A competência específica 9 de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental é um pilar nesse sentido: ela propõe que os estudantes devem buscar também valorizar não apenas a literatura, mas também outras expressões artísticas e culturais, compreendendo-as como portas de entrada para o mundo do lúdico, da imaginação e do fascínio. Além disso, a proposta enfatiza o reconhecimento do poder da literatura de transformar e humanizar o indivíduo e sua percepção do mundo. Essa habilidade é central para a superação de uma visão instrumental da literatura, ao destacar sua capacidade de gerar deleite, estranhamento e prazer.

No Campo Artístico-Literário, a Base Nacional Comum Curricular orienta que, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, os alunos devem reconhecer que os textos literários são constitutivos do universo da imaginação e possuem um caráter lúdico e envolvente, sendo importante que os valorizem, em sua diversidade cultural, como um patrimônio artístico da humanidade (EF15LP15). Além disso, a BNCC incentiva a apreciação de poemas e outros textos em verso, com atenção especial às rimas, sonoridades e jogos de palavras, de modo a identificar sua inserção no mundo do imaginário, do jogo e da fruição estética (EF12LP18). A literatura é apresentada como uma linguagem que enriquece a percepção e a visão de mundo, ampliando a capacidade de ver e sentir.

Ao definir que o ensino de literatura não deve ser um fim em si mesmo para estudos teóricos ou metalinguísticos, a BNCC reorienta o foco para o uso significativo da linguagem e para o desenvolvimento de capacidades de leitura e produção que ampliem a participação em diversas esferas humanas. A proposta de Círculos de Leitura, que valoriza a interação social, a escuta, a dimensão afetiva e a autonomia do aluno encontra na BNCC um terreno fértil. A Base também defende o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida, alinhando-se à autonomia que os Círculos de Leitura visam fomentar.

A habilidade (EF35LP02), por exemplo, encoraja a seleção de livros e a justificação da escolha, além do compartilhamento de opiniões, o que estimula a autonomia e a expressão pessoal do leitor. O eixo da oralidade na BNCC, que prevê o planejamento e a produção de textos orais em colaboração, também oferece espaço para

a prática da escuta e da verbalização das impressões de leitura, como ocorre nos Círculos. Ao prever uma progressão de complexidade na leitura, que vai da identificação de informações à reflexão e valoração estética, ética e política do texto, este documento norteador capacita o aluno a ir além da mera decodificação. A inclusão da diversidade cultural, como a literatura infantil e juvenil, o cânone e as culturas juvenis, também converge com a ideia de ampliar o repertório do leitor, conforme proposto pelos teóricos do letramento literário.

A organização de coletivos de leitura, a exemplo dos Círculos de Leitura, emerge, assim, como uma estratégia de notável potencial para conferir novos significados ao ensino da literatura. Tal abordagem busca convertê-lo em uma vivência profundamente relevante e promotora do desenvolvimento humano, capacitando o estudante a interagir diretamente com o autor e a responder às indagações que a própria obra textual lhe propõe. É, portanto, através dessa interação aprofundada e enraizada em contextos significativos que se edifica um aprendizado que transcende o ambiente escolar, culminando na formação de leitores com capacidade crítica, empatia desenvolvida e autonomia intelectual.

Nessa abordagem, a dimensão afetiva e subjetiva da leitura ganha centralidade. Annie Rouxel (2013) defende a legitimidade da leitura subjetiva, na qual o leitor se engaja com o texto a partir de suas vivências, memórias e emoções. Essa utilização do texto para si não se opõe à interpretação mais analítica; ao contrário, é o ponto de partida para toda experiência leitora. Ao reconhecer a subjetividade do leitor, a escola cria um espaço para que ele se aproprie da literatura de forma significativa, relacionando-a à sua própria vida.

De acordo com Judith A. Langer (1995), por sua vez, desenvolve o conceito de construção de representações para descrever o mundo de conceitualização que a pessoa cria em sua mente durante a leitura. Essas representações são dinâmicas, formadas a partir de um processo de busca por novas perspectivas e oportunidades, no qual o leitor mobiliza suas experiências, faz perguntas e testa ideias, mantendo uma abertura para o novo e para a incerteza. A sala de aula, nesse sentido, deve ser uma comunidade de pensadores literários onde os alunos se sentem seguros para compartilhar suas representações em desenvolvimento, sabendo que elas podem e devem mudar com o tempo e com a interação com os outros.

Em suma, a BNCC de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, com seu compromisso com a formação integral, a valorização da experiência estética e afetiva na leitura, o estímulo à interação social e ao protagonismo do aluno, oferece as bases para uma abordagem que transcende a instrumentalização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação da leitura literária, em relação com uma pedagogia que valoriza a experiência do leitor, deve ser formativa e processual, distanciando-se de provas que visam apenas à verificação de conteúdos memorizados ou à reprodução de interpretações predeterminadas.

Em vez de focar em uma resposta objetiva, essa abordagem reconhece que a compreensão literária é fluida e se constrói continuamente. A avaliação, neste sentido, precisa ocorrer ao longo do tempo, permitindo que as ideias se transformem e se aprofundem, refletindo as mudanças de pensamento e a capacidade de aprender a partir das interações e da reflexão. Ela deve ser coerente com a valorização do envolvimento do aluno com a literatura, tratando o leitor como um construtor de sentidos, capaz de explorar horizontes de possibilidades e de encontrar significações pessoais.

Nesse modelo, a participação e o engajamento do aluno em todas as etapas são cruciais, pois, o leitor é um participante ativo na construção de sentidos. A qualidade dos registros no diário de leitura, que serve como um instrumento para o aluno deixar vestígios do seu processo de leitura, expressar reflexões pessoais, identificar dúvidas e estratégias utilizadas, e justificar seus comentários de forma sólida e original. Este registro deve ir além do resumo, mostrando a evolução da capacidade de reflexão e expressão do aluno ao longo do tempo.

Nas contribuições nas discussões em grupo, o objetivo é que os debates se tornem espaços autênticos de interação, onde os alunos explorem novas perspectivas e enriqueçam suas compreensões em um ambiente colaborativo e de diálogo. A criatividade e o envolvimento na atividade de socialização final são importantes para estimular

atitudes propositivas e o compartilhamento de leituras, inserindo os alunos em práticas culturais e artísticas, isso inclui a capacidade de usar diferentes linguagens e mídias para expressar suas reações e interpretações, como a produção de “podcasts”, resenhas, campanhas sociais ou performances artísticas, revelando a apropriação pessoal e reflexiva da literatura.

A proposta de “Círculos de Leitura” dialoga diretamente com os desafios contemporâneos da formação de leitores, pois ela enfrenta o problema da leitura como obrigação ao colocar a escolha e o interesse do aluno no centro do processo, permitindo que os estudantes selecionem suas leituras, a prática reforça sua autonomia e sua autoimagem como leitores, elementos cruciais para a consolidação do hábito leitor.

Podemos sugerir que essa metodologia valoriza a leitura como experiência subjetiva e afetiva. O diário de leitura funciona também como um espaço seguro para que o aluno explore suas representações mentais sem o receio de uma avaliação punitiva. Ele legitima o que Rouxel (2013) chama de utilização do texto, o encontro do leitor com a obra a partir de sua singularidade, compreendendo que essa dimensão pessoal é o ponto de partida para qualquer interpretação mais aprofundada.

Já a dimensão social da leitura, entretanto, é o pilar dos círculos, na qual a interação entre pares cria uma comunidade de leitores que avança na construção de sentidos. Nessas discussões, os alunos aprendem a escutar paciente e criticamente o outro e a falar com ele mesmo, assim como defende Paulo Freire (2019), pois essa troca enriquece as representações individuais, pois cada leitor tem a oportunidade de olhar através dos olhos de outros, como sugere Maxine Greene (1993), ampliando sua compreensão do texto, de si mesmo e do mundo.

Por fim, a proposta responde ao desafio da formação docente, vivenciando os círculos o professor em formação assume o papel de mediador, aprendendo a ouvir o que os alunos estão tentando expressar e a intervir de forma a apoiar o desenvolvimento de suas reflexões, sem impor uma interpretação única. Professores que também são leitores e que compartilham sua paixão pela literatura com entusiasmo são os melhores modelos para seus alunos.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da literatura na contemporaneidade exige uma ruptura com modelos que se mostram esgotados e pouco eficazes na formação de leitores. A proposta de círculos de leitura, fundamentada em uma concepção da leitura como experiência, representa um caminho promissor para essa renovação. Ao valorizar a autonomia, a subjetividade e a interação social, essa prática pedagógica tem o potencial de transformar a relação dos alunos com o texto literário, substituindo a obrigação pelo prazer e o silenciamento pelo diálogo.

Formar esses novos leitores, hoje, significa mais do que ensinar a decodificar textos; possibilita criar condições para que os estudantes possam viver a literatura dentro e fora das paredes da escola. Favorece também reconhecer que a literatura é um direito humano fundamental, um instrumento de humanização que nos permite explorar possibilidades e a refletir sobre várias opções para eles mesmos e para a humanidade.

A implementação de práticas como os círculos de leitura demanda um professor-mediador sensível, um leitor que ensina e um professor que lê. A formação docente, portanto, é um ponto crucial. É preciso que os cursos de Letras e Pedagogia ofereçam aos futuros professores não apenas o conhecimento teórico, mas a vivência de práticas de leitura que os constituam como leitores apaixonados e mediadores competentes. Somente assim, poderemos romper o ciclo de não-leitura e construir, a partir da escola, uma sociedade verdadeiramente leitora.

Palavras-chave: Formação de leitores; Letramento literário; Círculos de leitura; Ensino fundamental; Mediação de leitura.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), mediante a concessão de bolsa de estudo. O autor expressa seu sincero agradecimento à instituição pelo fomento concedido, elemento fundamental para o desenvolvimento, o aprofundamento e a consolidação desta pesquisa (Código de Financiamento 001).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 60ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. v. 1 e 2. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LANGER, Judith A. **Pensamento e experiência literários: compreendendo o ensino de literatura**. Tradução de Luciana Lhullier e Rosa Maria Lúcia Bandeira Vargas. Passo Fundo: Ed. UPF, 2005.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. “Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola”. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (orgs.). **Escola e leitura: velhas crises, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. pp. 61-79.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luiza de (orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.